

A dor e a beleza da falta

Não somos apenas seres humanos mas, acima de tudo, somos sujeitos. Recapitulemos, então, algumas ideias. Mesmo antes do nascimento, nossos cuidadores primários, que também são sujeitos, nos impõem uma série de significantes, produzidos, claro, pela própria cadeia de significante destes. Isto, por si só, o que já é muita coisa, não é mesmo? Já nos imprime uma barra ao nosso desejo, dando início, portanto, ao nosso processo de assujeitamento. Não para por aí, caros colegas. Isto é apenas o começo de toda uma existência de faltas. Pois bem, quando nascemos, então, já chegamos ao mundo perdendo algo. Ensaíamos a nossa grande estreia no assustador mundo dos significantes, isto é, nos inserimos, desta forma, na cultura e na linguagem. Aí então, nasce também aquele tão famoso *objeto pequeno a*.

A partir do seminário 10, Lacan introduz a ideia de objeto causa do desejo, diferente do que Freud nos trazia como objeto do desejo. Demorei um certo tempo para entender esta diferença mas, conhecendo um pouco mais este tal de *pequeno a*, comecei a devagar sobre o que isto se trata. Ora, se desde o nascimento já perdemos algo – e aqui sinto a necessidade (*ou desejo*) de expressar a minha revolta, ou frustração – quem foi esse ser criador que construiu nossa existência desta forma? Digo isto, porque, **que infortúnio!** Perdemos algo que nem mesmo nos foi dado a mínima dignidade de saber o que foi que perdemos! E não termina por aí, como se não bastasse, nosso destino é passar toda a finitude de nossa existência buscando encontrar este algo que não sabemos o que é.

Ah meus amigos, mas é justamente aí que está a delícia de viver. Retomo aqui, mais uma vez, aquele ser criador a quem antes me referenciei com frustração. Na verdade, deve ser um ser bastante generoso, já que, é justamente através deste infortúnio que a nossa existência é possível. Sim, imaginem se fossemos completos, não haveria razão de viver, não haveria pelo que buscar, não haveria movimento, não haveria desejo. A falta nos move, portanto, o desejo nos move. O desejo é fundante na falta e nós, somos **faltantes**. Despeço-me agradecendo, porque, através da indignidade de sermos obrigados a conviver com o vazio, tornamo-nos, então, dignos e, desta forma, vivos. **A grande fortuna da vida é o infortúnio da falta.**